[XISTO]

LARGADA QUEIMADA

Com a 12ª Rodada de Óleo e Gás da Agência Nacional de Petróleo (ANP), o Brasil pode dar o primeiro passo para a **exploração** de gás natural não convencional, conhecido popularmente como xisto. Mas a comunidade científica, organizações da sociedade civil e até o Ministério Público Federal (MPF) consideram equivocado esse avanço.

O leilão ofertou 240 blocos de exploração de gás natural, dos quais apenas 72 foram arrematados. A concessão abre precedente para explorar o gás xisto, no caso de ele ser encontrado nos blocos. Isso em um cenário de nenhuma regulação nem marco legal específico, além de um fraco diagnóstico sobre as tecnologias demandadas para essa nova matriz.

O Ministério Público Federal (MPF) recomendou, em parecer técnico (*ver em* bit.ly/1cRdToC), a suspensão da licitação e a realização de uma Avaliação Ambiental Estratégica para esclarecer todos os riscos relacionados à exploração do xisto. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Academia Brasileira de Ciência também sugerem, no mínimo, uma moratória da atividade.

A contaminação de mananciais é o ponto mais crítico. Grande parte dos blocos ofertados sobrepõe-se a áreas de aquíferos, inclusive o Guarani, crucial para o abastecimento da área mais adensada do País. Bianca Dieili, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, explica que cada perfil geológico exige uma tecnologia diferente para descontaminar as águas dos inúmeros aditivos químicos usados no processo de fraturamento das rochas.

Além disso, a legislação brasileira falha muito na responsabilização de atores pela contaminação de águas subterrâneas. Bianca reforça o argumento da academia, de que o xisto poderia prejudicar ainda mais o acesso à água potável em áreas críticas: "Se o tratamento de água de abastecimento é caro, imagine o de água com vários compostos químicos" (*mais sobre a exploração do gás xisto em* bit.ly/1674rfG). – **POR CAROL NUNES**



WCN 247 / FLICKR

[MUDANÇA CLIMÁTICA]

UMA COP PARA NÃO ESQUECER

A 19ª Conferência das Partes (COP 19) da Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança Climática (UNFCCC), em Varsóvia, na Polônia, terminou em novembro passado em clima tenso, com as organizações da sociedade civil abandonando o evento com acusações de que o governo polonês atrapalhou muito ao, por exemplo, sediar simultaneamente um fórum sobre o poluente carvão.

Algumas características da reunião das Nações Unidas, no entanto, foram marcantes e devem reverberar nos próximos encontros, possivelmente a favor dos acordos para redução das taxas de emissão de gases de efeito estufa. É no que aposta Silvia Dias, membro do Conselho Deliberativo da organização Vitae Civilis.

Ela acompanha as negociações climáticas desde 2009 e esteve em Varsóvia para a COP 19. Para ela, um dos destaques dessa conferência foi a maior presença de jovens, o que trouxe novas perspectivas sobre a urgência das definições.

"Quando as COPs sobre o clima começaram (*a primeira foi em 1995, em Berlim*), falava-se que o aquecimento era um problema que nossos filhos e netos enfrentariam. Hoje, nossos filhos e netos são justamente esses jovens que nasceram em um mundo em que nações tentam, sem muito sucesso, fechar acordos para frear a mudança climática", diz Silvia.

O fato de um tufão ter atingido e devastado as Filipinas às vésperas da COP e de sua intensidade ter sido apontada como provável consequência da mudança climática só enfatizou o que o 5º Relatório do IPCC havia divulgado em setembro. Houve maior certeza, nas reuniões, sobre a influência da atividade humana no aquecimento global.

Silvia destaca que o novo relatório tornou ainda mais difícil qualificar o aquecimento como um fenômeno meramente natural. Ponto negativo para a organização polonesa que divulgou, em documentos e em um aplicativo de celular, informações contrárias, negando a causa antrópica do aquecimento.

A juventude que chegou com força nesse momento das negociações deve ficar de olho. Não há mais nenhuma geração para esperar que reuniões anuais resolvam o destino de todos. – **POR THAÍS HERRERO**

[GASTRONOMIA]

BISTRÔ SEM ESCARGOT

O bistrô é aquele restaurante francês, metido a chiquezinho e de preço salgado, certo? Errado. Bistrô é como a *osteria* italiana ou o *pub* inglês – um lugar de boa comida e não por acaso aconchegante: é a casa que o próprio dono abre para uma clientela próxima, e faz da cozinha um lugar para realmente ser visitado.

Um pouco cansada da badalada indústria gastronômica que faz a fama de São Paulo, Fabiana Goll, que se define cozinheira, procurou outros caminhos nem por isso menos saborosos. Ela é dona do Otto Bistrot, casa que habita no coração da cidade, cercada de minhocário para compostagem, temperos cultivados em canteiros verticais feitos de *pallets*, e mobiliário todo de segunda mão.